Vera Thorstensen
Professora e pesquisadora da Escola de Economia da São Paulo da Fundação Getulio Vargas e coordenadora do Centro de Comércio Global e Investimento da EESP-FGV

O Mercosul precisa ser repensado

Por Paulo Roque

ESPECIALISTA EM regulação do comércio internacional com quinze anos de experiência em Genebra, Vera Thorstensen diz que o Brasil optou por uma estratégia de se centrar na América do Sul, além da cooperação com a África, o que, em sua opinião, não dá dinamismo ao comércio. Simulações realizadas pelo Centro do Comércio Global e Investimento da FGV mostram que o Mercosul não acrescenta nenhum ganho ao Brasil. Nesta entrevista à ***Agronalysis***, a professora dá uma aula imperdível sobre comércio exterior e como o Brasil situa-se dentro dele.

Agroanlysis No comércio internacional, o Brasil deve negociar de forma unilateral ou em bloco com demais países do Mercosul?

Vera Thorstensen No governo Fernando Henrique, a estratégia era negociar, além da OMC, acordos com os EUA e com a União Europeia. Durante os últimos dez anos, desde o início do governo Lula, a prioridade do Brasil foi alterada e passou a ser de negociação apenas no foro multilateral, na Organização Mundial do Comércio (OMC). O Governo optou por uma negociação multilateral, deixando em segundo plano parceiros fora da sua região. Hoje, olhando para trás, considero que perdemos uma grande oportunidade. O Brasil devia ter dado os primeiros passos, feito um acordo menos ambicioso, que liberalizasse o comércio aos poucos. Era difícil, mas devíamos ter tentado, inclusive com a União Europeia. O Brasil não quis mais negociar com os EUA, e a UE perdeu o interesse. Então, durante a gestão do presidente Lula, a opção foi de negociar só de forma multilateral. O que aconteceu? A Rodada de Doha estava funcionando, e todos os grandes temas que interessavam ao Brasil estavam lá. Mas, em 2008, veio o impasse da Rodada, a OMC entrou em crise, e o Brasil ficou isolado, sem acordos com os grandes blocos.

Logo depois da crise, ao contrário do Brasil, vários países partiram para uma estratégia de fazer acordos preferenciais bilaterais e regionais. Hoje, fala-se em mais de 500 acordos notificados à OMC e cerca de 400 em funcionamento. A Europa foi a que mais fez acordos, assim como os EUA. A China e a Índia fazem acordos no seu entorno. Agora, o que está faltando no quadro internacional são grandes acordos envolvendo os BRICS, entre eles ou com os grandes parceiros, como EUA, UE ou Japão. Isto é, os BRICS ainda não fizeram acordos com grandes parceiros. Todos os países partiram para acordos preferenciais, e o Brasil ficou isolado. O Mercosul tem acordos com o Egito, Israel e Palestina, troca de alguns produtos com a Índia e com a África do Sul – são



> “Todos os países partiram para acordos preferenciais, e o Brasil ficou isolado.”

400 produtos de cada lado. O Brasil escolheu uma estratégia de se centrar na América do Sul e, hoje, também fala de cooperação com a África. Só que isso não dá dinamismo ao comércio. O Centro do Comércio Global e Investimento da FGV está fazendo uma série de simulações que mostram que o Mercosul não acrescenta nenhum ganho ao Brasil, pois existem restrições de tal ordem que engessam o grupo. O Mercosul é um entrave, e isso precisa ser renegociado. Já que a nossa prioridade é a América do Sul, que se pense em uma área de livre comércio para valer! Ou seja, o Brasil deve ficar livre para fazer os acordos que quiser. O problema é que o Brasil está se deixando usar pela falta de vontade da Argentina para caminhar. Ele precisa tomar a dianteira e negociar novos acordos e deixar a Argentina acompanhar se quiser. Os acordos modernos permitem um acordo-quadro e arranjos diferentes para cada parte. Hoje, o Mercosul é uma camisa de força e precisa ser repensado.

Agroanlysis O discurso sempre foi no sentido de uma negociação multilateral? Ou isso, agora, mudou?

VT O discurso do Governo continua igualzinho: suas prioridades são a América do Sul e a África. Só que o mundo mudou, todos os países fazem acordos preferenciais. A China e a Índia também estão fazendo acordos. É importante destacar que, como a OMC e a Rodada de Doha entraram em crise, os EUA e a União Europeia, que sempre foram antagônicos, agora, estão sentados para discutir um acordo conjunto, o TTIP (Transatlantic Trade and Investment Partnership). Os EUA também estão negociando o TPP (Trans-Pacific Partnership) com doze países do Pacífico. No momento em que isso acontecer, haverá um patamar de regulação muito maior, e isso criará barreiras ao comércio do Brasil com os grandes parceiros. No momento em que os dois maiores parceiros do Brasil – EUA e União Europeia – fizerem um acordo entre eles, que não é um acordo de tarifas, mas de regras de comércio, surgirão dois efeitos imediatos. Um é que os EUA, que são muito competitivos em agricultura, vão tomar as cotas que o Brasil tem na Europa, porque esta vai ter que abrir mais cotas para os EUA. O Brasil vai ser prejudicado em uma série de produtos, como laranja, soja e carne. Então, o efeito desse acordo transatlântico será mortal para o Brasil. Nesse contexto, não adianta ficar negociando com a América do Sul. Nós temos que negociar com grandes parceiros; não só com a Europa, mas também com os EUA. Qual é o problema do Brasil, hoje? A América do Sul está dividida: metade está voltada para o Pacífico. Assim, entram produtos chineses via Peru, via México, via Chile, maquiados ou não. O problema é muito sério, já que a América do Sul está dividida, como se houvesse um novo Tratado de Tordesilhas, e a China é o grande competidor mundial.

Agroanalysis A integração estratégica de comércio internacional faz sentido entre os BRICS?

VT Quem são os BRICS, hoje, no cenário do comércio? São os grandes mercados ainda sem grandes acordos. A China não tem acordo com os EUA, nem com a União Europeia ou Japão. A Índia está tentando com a União Europeia, mas isso está difícil. Na hora em que se fizer os acordos Transatlântico e Transpacífico, os BRICS ficarão isolados. Os BRICS só fazem parte da OMC, mas estão fora destes grandes acordos e, como tais, não estamos participando da criação das novas regras. Quando eu falo em regra, refiro-me às barreiras técnicas, sanitárias, fitossanitárias, de emissão de poluentes, e não a tarifas. Esse tema já ficou para trás. É verdade que a China é o maior parceiro do Brasil, comprando soja em grãos e minério de ferro. É preciso negociar para melhorar o perfil dessa pauta e agregar cada vez mais valor. Dá para fazer um acordo mais profundo entre eles? Teoricamente, sim, mas o Brasil não tem competitividade para fazer este acordo. Na área do agronegócio, qualquer acordo que o Brasil fizer é bom; o Brasil é competitivo. Mas, no caso da indústria, uns acordos são mais difíceis do que outros. Então, no lado da indústria, precisamos ter um esforço de modernização e competitividade e um grande esforço do Governo para reduzir a carga tributária e a carga trabalhista. Se o Governo não ajudar, qualquer acordo mata a indústria, mas não a agricultura, que ganha sempre. Por que o acordo Transatlântico (TTIP) está saindo? Porque a Europa está perdendo muitas exportações para os EUA. Os dois, juntos, pretendem fazer as regras do comércio do século XXI. No fundo, eles estão substituindo a OMC pelo acordo Transatlântico. Isolados, só resta aos BRICS, agora, reforçar a OMC.

> “Nós temos que negociar com grandes parceiros; não só com a Europa, mas também com os EUA.”

Agroanalysis Qual é o papel do Centro de Comércio Global e Investimento?

VT Eu trabalho há trinta anos com comércio internacional. Morei nos EUA e na Europa e, nos últimos quinze anos, em Genebra, como especialista em comércio internacional. Voltei para o Brasil para criar um Centro de Comércio na Fundação Getulio Vargas, para estudar a regulação do comércio internacional. É o único centro que conheço que tem advogados e economistas trabalhando em conjunto. A ideia é estudar os acordos, as questões legais e fazer todas as simulações sobre os efeitos das regras no comércio. Aí, estão incluídos: câmbio, energia, meio ambiente e clima. O objetivo do Centro é estar

sempre na fronteira do comércio internacional, estudando a parte regulatória e a parte econômica.

Agroanalysis Na atual situação, com o diplomata brasileiro Roberto Azevêdo na presidência, sobra espaço para a OMC atuar?

VT Este é um momento de crise, um momento sério, e é preciso que o novo diretor-geral consiga um acordo em Bali, em dezembro. O tema em discussão é na área de facilitação do comércio, que se refere a desburocratizar a importação e a exportação. Isso é importante, porque não é só a tarifa que atrapalha; a carga da burocracia é brutal e corresponde a 10% dos valores do comércio. O embaixador Roberto Azevêdo tem um grande desafio, que é fazer um pacote para facilitar o comércio, que inclua administração de cotas de agricultura, e um pacote de desenvolvimento para que os setenta países menos desenvolvidos possam exportar livres de cota e de tarifas. Ele é a pessoa certa para o lugar certo, porque conhece a organização profundamente. Todos estão torcendo por ele, porque, se Bali não der resultados, a OMC perde relevância no comércio internacional. Os acordos Transatlântico e Transpacífico passarão a estabelecer as regras, inclusive com tribunais para resolver conflitos dentro de suas estruturas. Como resultado, 65% do comércio de todo mundo ficariam fora das regras da OMC. Seria a fragmentação das regras do comércio. É complicado, porque haverá os BRICS, de um lado, e todo mundo integrado, do outro.



> “E o setor agrícola é o que ganha mais em qualquer acordo que se faça.”

Agroanalysis O impacto dos desalinhamentos cambiais das regras e instrumentos da OMC possui relação com a desvalorização do real?

VT Desalinhamento de câmbio existe desde que foi quebrado o padrão de dólar-ouro de Bretton Woods, em 1973, pelos EUA. E o resultado qual foi? Os países têm câmbios flutuantes e praticam desalinhamentos cambiais como política de comércio. O efeito do câmbio é mortal para a OMC, porque os efeitos dos desalinhamentos anulam os efeitos dos instrumentos comerciais, como tarifas e *antidumping*. No sistema atual, quem deve cuidar do câmbio é o FMI; só que o FMI não tem poder para coibir caso um país esteja manipulando ou não a sua moeda. A FGV criou um observatório de câmbio que usa várias metodologias sofisticadas para calcular desalinhamentos cambiais. O que acontece, por exemplo, se um país está desvalorizado? Ele estará subsidiando suas exportações e, portanto, estará descumprindo uma das regras básicas da OMC, que é a de proibição de subsídios à exportação. A China e os países da ASEAN estão com o câmbio desvalorizado há vinte anos. Tal câmbio distorce as regras do comércio e as tarifas. O efeito do câmbio é maior do que o das tarifas.

Agroanalysis A OMC corre o risco de se tornar uma entidade meramente protocolar caso não coloque a questão do câmbio na sua pauta?

VT O Brasil apresentou a questão do câmbio na OMC há três anos. Existe um comitê discutindo esse tema. Mas, agora, a prioridade é Bali. Se Bali for um sucesso, aí, sim, depois, o câmbio deve ser discutido na OMC como um dos novos temas. A OMC não pode resolver o problema do câmbio, mas deve neutralizar seus efeitos. Como dizer que a China é uma economia de mercado se ela subsidia seu câmbio há vinte anos? As regras da OMC funcionam para ela? Não, não funcionam, porque o desalinhamento é tão grande que não há tarifa no Brasil que segure as importações da China. Todos os países asiáticos estão desvalorizados e, dentro da Zona do Euro, a Alemanha, a Finlândia e a França estão desvalorizadas.

Agroanalysis O câmbio é o único fator que afeta a competitividade da indústria brasileira na hora de exportar? O agronegócio sofre com logística e infraestrutura.

VT Está na hora de o Brasil partir para a negociação de vários acordos preferenciais. Agora, o Brasil está preparado? Não. O agronegócio está preparado? Sim. Se o Brasil fizer acordos, o Brasil poderá exportar mais. Qual é o gargalo na agroindústria? A logística, o problema do escoamento, das estradas e dos portos. Para a indústria, os problemas são mais sérios. Além da falta da infraestrutura, existe o problema seríssimo dos encargos trabalhistas, que são os mais caros do mundo. Há, ainda, o problema do custo da energia, que, no Brasil, está entre os mais altos do mundo. Os juros estão altos, o câmbio não está no lugar. Quer dizer, para o Brasil se tornar um grande exportador, tem de fazer acordos. E o setor agrícola é o que ganha mais em qualquer acordo que se faça. Mas a indústria tem que se modernizar e se tornar mais competitiva. No entanto, os esforços não devem ser só dos empresários. O Governo tem de fazer a sua parte, sem dar subsídio, mas reduzindo a carga trabalhista, a carga tributária, o custo da energia e o custo da infraestrutura. ■